

## Jornal-laboratório: multiletramento e hipertextualidade

Laboratory-newspaper: multiliteracy and hypertextuality



GREICE DA SILVA CASTELA<sup>1</sup>  
WÂNIA CRISTIANE BELONI<sup>2</sup>

### RESUMO

O jornal-laboratório é um meio de treinar os acadêmicos do curso de Jornalismo para a realidade do trabalho nas redações e acaba sendo não apenas uma forma de colocar a teoria na prática, o que é previsto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Jornalismo, mas também uma maneira de desenvolver os multiletramentos durante a formação inicial. Neste artigo, propõe-se a refletir sobre a produção do jornal-laboratório Unifatos, elaborado por estudantes do curso de Comunicação Social com ênfase em Jornalismo da Univel, da cidade de Cascavel, Paraná. A pesquisa ação realizada revela que a produção laboratorial desenvolve novas formas de letramento, preparando o estudante não apenas para o mercado de trabalho, como para ser um leitor mais crítico e hipertextual.

### PALAVRAS-CHAVE

Jornal-laboratório. Multiletramentos. Tecnologias da Informação e Comunicação.

### ABSTRACT

The laboratory newspaper is a means of training Journalism students toward work in real life news environments. Ultimately, it is more than putting theory into practice, it is also a way of developing multiliteracies during the basic training. This paper attempts to reflect about the production of the Unifatos laboratory-newspaper, created by the students of the Media Studies Program with a major in Journalism at Univel, in the city of Cascavel/PR. The research-action reveals that laboratory production develops new ways of reading, thus preparing the student not only for the labor market, but also for becoming a more critical and hypertextual reader.

### KEYWORDS

Laboratory-newspaper. Multiliteracies. Information and Communication Technologies.

Recebido em: 14/10/2014. Aceito em: 29/03/2015.

---

<sup>1</sup> Doutora e mestre em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel e licenciada em Letras Português/Espanhol pela UFRJ. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras (nível de mestrado e doutorado) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (nível de mestrado profissional) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: [greicecastela@yahoo.com.br](mailto:greicecastela@yahoo.com.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8222797033532931>.

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Paranaense (Unipar). Licenciada em Letras Português/Italiano pela UNIOESTE. Professora do curso de Comunicação Social/Jornalismo da União Educacional de Cascavel (Univel). E-mail: [wania.beloni@hotmail.com](mailto:wania.beloni@hotmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6376103265306367>.

## 1 INTRODUÇÃO

O vocábulo 'letramento' origina-se do inglês *literacy*, o qual vem do latim *littera*, que significa 'letra'. *Literacy* designa tanto alfabetização (um conjunto de habilidades cognitivas e mecânicas de apreensão do código da escrita), como as práticas sociais de leitura e escrita, as quais são desenvolvidas após ou paralelamente à alfabetização (SOARES, 2000). Magda Soares (2004, p. 2) defende, no entanto, que a palavra letramento foi inventada para "nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita."

Concordamos com essa autora que letramento e alfabetização são processos interdependentes. Saito e Souza (2011, p. 112) definem bem essa questão, quando dizem que a "questão é que letramento e alfabetização se relacionam com princípios simbólicos construcionais e representacionais inerentes à cognição e cultura acumuladas pelas sociedades humanas."

52 | Quando se fala em letramento, normalmente se pensa apenas em aspectos linguísticos, ligados a 'alfabeto'. Isso, porém, tem mudado com a evolução social e tecnológica, a qual "gera continuamente novas práticas letradas que impõem novas necessidades de alfabetização." (COLL; ILLERA, 2010, p. 293).

O surgimento do computador por volta de 1950 e da Arpanet (*Advanced Research Projects Agency Network*), em 1969, embrião da internet atual, possibilitou a evolução tecnológica. A popularização do computador, em 1980, permitiu que as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) se popularizassem, por meio de computadores conectados à internet, na década de 1990. Assim, "[...] com a disseminação da internet, rede mundial de computadores interconectados, as relações se complexificam um pouco mais, as interações passam a ser homem-computador-computador-homem." (SAITO; SOUZA, 2011, p. 117).

Por meio das TICs surgem novas formas de comunicação: cartas e bilhetes são substituídos, muitas vezes, por *e-mails* e *post/scrap* e conversas face a face dão lugar a *chats* e videoconferências mediadas por computador. Assim, as TICs trazem novas possibilidades de interação e, portanto,

ressignificam os gêneros discursivos circulantes na sociedade e fazem com que as formas de ler e escrever sejam também transformadas. A partir disso, Saito e Souza (2011, p. 118) destacam que “emergem novas formas de letramento.” Com isso, pode mudar, também, a forma de ensino e aprendizagem. Sendo assim, o letramento digital é uma necessidade e é por meio dele que se pode, além de aprender a dominar as técnicas digitais, aprender novas formas de leitura e escrita.

Quando se fala em aprender novas formas de leitura e escrita, pressupõe-se, também, aprender a ler e a escrever de forma hipertextual. Castela (2007) explica que a leitura não é linear e hierárquica e que a cognição humana, ao não seguir regras sequenciais, aproxima-se da constituição hipertextual.

O hipertexto (HTML - *Hypertext Markup Language*), segundo Castela (2007, p. 3), “constitui uma estrutura possível em qualquer suporte, mas melhor realizada quando os textos estão digitalizados e disponíveis em redes de computadores”, tratando-se, assim, não apenas de um artifício gráfico, mas de uma forma distinta de leitura. Este, portanto, propicia ao leitor, usuário da internet, desenvolver novas formas de ler os inúmeros tipos de textos verbais e não verbais presentes na rede, desde *home pages* institucionais ou pessoais, textos científicos e contos escritos eletronicamente, *chats*, *e-mails*, redes sociais, entre muitas outras formas de leituras e de comunicação presentes na tela do computador por meio da internet.

Com a criação e a popularização da internet a sociedade precisou se adaptar e as profissões também tiveram que se habituar e conseqüentemente, sofreram muitas mudanças. O ofício dos jornalistas, por exemplo, foi facilitado de certa forma, pois na internet ele pode acessar uma vasta quantidade de informações sobre o tema que precisa escrever, podendo realizar uma boa pesquisa antes de produzir o texto. No entanto, isso não dispensa a apuração dos fatos, do escutar as fontes e consultar documentos que não estejam apenas na internet, por exemplo, a fim de trazer credibilidade para o ofício jornalístico. Por isso, o desafio é ensinar aos acadêmicos de Jornalismo a melhor forma de pesquisar e usufruir desse meio de comunicação à disposição de seus usuários, no caso, dos futuros jornalistas.

## **Jornal-laboratório:** multiletramento e hipertextualidade

O objetivo desta pesquisa-ação, portanto, é refletir sobre a importância em saber lidar com as novas formas de comunicação e informação, o que é fundamental para que o acadêmico seja um bom leitor e um bom produtor de texto, e sobre os multiletramentos que o jornal-laboratório propicia ao estudante de Jornalismo. Pesquisar, ler e interpretar textos - antes de realizar entrevistas e produzir um novo texto - são chaves principais para o desenvolvimento de produções verbais e não verbais para um jornal-laboratório de qualidade e para os multiletramentos do estudante de Jornalismo.

### **2 MULTILETRAMENTOS**

Para se ter um bom texto, o produtor deve ser, primeiro, um bom leitor. Para se ter uma boa reportagem, além de ser um bom leitor, o jornalista precisa ser um bom ouvinte, ser curioso e ser, antes de tudo, um bom pesquisador, além de dominar as novas tecnologias.

No entanto, não basta saber tecnicamente navegar na internet se o usuário não for um bom leitor hipertextual e metamidiático, que domine diversos novos letramentos. Rojo (2012, p. 21) explica que os letramentos tornam multiletramentos<sup>3</sup> à medida que

são necessárias novas ferramentas - além das da escrita manual (papel, pena, lápis, caneta, giz e lousa) e impressa (tipografia, imprensa) - de áudio, vídeo, tratamento de imagem, edição e diagramação. São requeridas novas práticas: (a) de produção, nessas e em outras, cada vez mais novas, ferramentas; (b) de análise crítica como receptor.

Nesse contexto, a organização não linear do hipertexto eletrônico, que alia informações verbais, visuais e sonoras, "permite uma leitura totalmente singular e multissemiótica e a possibilidade de acesso rápido a uma infinidade de textos." (PINHEIRO, 2005, p. 135). Assim, além de hipertextual, a leitura e a pesquisa na internet é multimidiática.<sup>4</sup> Com base na semiótica, Lemke (2010), enfatiza, no entanto, que todo letramento é multimidiático, pois a significação nunca ocorre de forma isolada. O autor explica que as conexões que fazemos

<sup>3</sup> Conforme Rojo (2012, p. 13) o multiletramento aponta para "a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos."

<sup>4</sup> A qual utiliza ou concerne a várias mídias, que utiliza imagens, vídeo, animação, som ou que, ainda, apresenta uma combinação dessas mídias.

não são inteiramente individuais, pois fazemos essas interpretações e relações com base em nossas vivências e no lugar que ocupamos na sociedade (idade, gênero, classe econômica etc.), pois “Letramentos são sempre sociais” (LEMKE, 2010, p. 3).

Além de multimidiático, como Lemke defende, todo texto tradicional pode ser considerado, ainda, hipertextual. Segundo Pinheiro (2005, p. 136), o texto clássico impresso também contém traços de não-linearidade, a qual, no entanto, “é uma decisão do leitor e não uma forma de montagem, prevista em sua concepção.” Pode-se discordar, no entanto, dessa montagem linear, pois o texto pode apresentar intertítulos, no caso do texto jornalístico, box, que seria um texto complementar e que aprofunda um determinado assunto tratado no texto, o que não deixa de ser uma montagem hipertextual, assim como as fotografias que compõem a produção em questão e que apresentam novas formas de informação sobre o tema tratado.

A leitura também pode ser feita de forma não linear, ou seja, a recepção pode ocorrer de forma não linear. O jornal, apesar de apresentar uma linearidade, oferece para o leitor, a oportunidade de realizar uma leitura não linear. Na capa, por exemplo, quando é apresentada uma determinada chamada, tem-se o número da página logo na sequência para que o leitor possa ir direto para aquela página, o que é um exemplo de leitura não linear. Lemke (2010) deixa claro que os multiletramentos existem desde a era da imprensa e que a combinação de textos verbais e não verbais já era estabelecida muito antes das TICs: “Faz um bom tempo que as tecnologias do letramento não são tão simples quanto a caneta, a tinta e o papel. E na era da imprensa, assim como antes dela, o letramento raramente esteve atrelado de forma estrita ao texto escrito.” (LEMKE, 2010, p. 3).

A hipertextualidade no texto impresso pode ser compreendida, portanto, com base na associação de textos verbais e não verbais, em que “as opções de significados de cada mídia multiplicam-se entre si em uma explosão combinatória.” (LEMKE, 2010, p. 6). A combinação de texto com imagens é uma forma de letramento multimidiático. Pinheiro explica que, no entanto, o suporte pode desconfigurar o hipertexto, uma vez que o suporte “condiciona o hipertexto, pois à proporção que o hipertexto é impresso (em blocos ou

## Jornal-laboratório:

multiletramento e hipertextualidade

pedaços), ele será desconfigurado.” (PINHEIRO, 2005, p. 138). Desta forma, o hipertexto no jornal-laboratório, assim como em qualquer outro impresso, acaba sendo desconfigurado, pois as imagens são apenas estáticas e os textos complementares limitados, com começo, meio e fim. No entanto, ressaltamos que quando se pensa no aprendizado do acadêmico de Jornalismo, que precisa pesquisar e coletar informações na rede, confeccionar a pauta, antes de partir para as entrevistas, pode-se concluir que o aprendizado, sim, é hipertextual, que o letramento do estudante é hipertextual e multimidiático, principalmente quando se considera que um bom leitor de hipertextos deve ter um propósito definido, o que é estabelecido pela pauta.

Com isso, o estudante acaba desenvolvendo os três tipos de leitura explicitados por Allende e Condemarín (2005). O primeiro tipo, a visão preliminar ou *previewing*, consiste no olhar superficial, que identifica a necessidade de se ler determinado texto ou não. O segundo tipo, chamado de leitura seletiva espontânea ou *skimming*, é uma ampliação da visão preliminar em que se detecta o conteúdo principal. Já o terceiro tipo, a leitura seletiva indagatória ou *scanning*, tem como objetivo encontrar uma informação específica no texto, sem a necessidade de lê-lo por completo. Desta forma, o leitor consegue identificar as partes mais relevantes para seu objetivo de leitura. Da mesma maneira, o acadêmico de Jornalismo precisa desenvolver os três tipos de leitura para que possa ser produtor de texto competente.

56 |

### 3 JORNAL-LABORATÓRIO

O jornal-laboratório é um meio de treinar os acadêmicos para a realidade das redações jornalísticas. É um instrumento fundamental para que o estudante de Jornalismo coloque em prática, ainda que experimentalmente, os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos no decorrer do curso. Por isso, a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), os sindicatos e muitos professores precisam entender que o espaço laboratorial pode, sim, ser utilizado como ambiente de estágio.

Na década de 1960, a falta de equipamentos nas faculdades dificultava a prática de jornais-laboratórios, conforme uma pesquisa da Faculdade Casper Líbero, citada por Dias (2011, p. 18). A partir disso, a autora fala sobre o

surgimento de vários estudos, pesquisas e comissões com o objetivo de verificar a situação de escolas de Jornalismo no Brasil e propõe “soluções que incentivassem a criação de práticas laboratoriais.”

Em 1969, a profissão de jornalista foi regulamentada. Com isso, exigiu-se também a prática do jornal-laboratório impresso, com o objetivo de formar e preparar o acadêmico para o mercado de trabalho (VIEIRA JUNIOR, 2002).

Lopes (1989, p. 13) evidencia o fato de que “os meios de comunicação, salvo raras exceções, consideram os profissionais formados na Universidade despreparados para enfrentar o mercado de trabalho.” Por isso, a responsabilidade de desenvolver um bom trabalho com os alunos tem aumentado cada vez mais.

Vieira Júnior (2002, p. 12) explica que o jornal-laboratório se tornou essencial no momento em que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e as Diretrizes Curriculares Nacionais superaram a imposição da Resolução nº 2/1984, do antigo Conselho Federal de Educação (CFE), a qual tornava obrigatória a implantação de equipamentos e o funcionamento pleno de veículos laboratoriais em todos os cursos de Jornalismo, entre outras questões.

A Resolução 2/1984 determinou, ainda, que as escolas deveriam publicar no mínimo oito edições do jornal-laboratório durante o ano letivo, com as seguintes características: em formato tabloide ou *standard* e com no mínimo oito páginas. Vieira Júnior (2002, p. 46) chama a atenção que, apesar disso, muitas escolas não levam a sério a determinação do governo e cita que são poucas as instituições que mantêm um jornal-laboratório em atividade permanente e com periodicidade regular, citando alguns exemplos: *Entrevista* (UniSantos), *Jornal do Campus* (ECA/USP) e *Rudge Ramos Jornal* (Umesp). Dias (2011) vai além e afirma que, até então, ainda há instituições que não subsidiam a prática laboratorial.

Além disso, essa resolução determinou que as instituições deveriam oferecer alguns equipamentos no laboratório para a produção acadêmica. Assim, ele explica que a redação laboratorial deveria contar com alguns equipamentos como, na época, máquina de escrever para cada aluno, um ramal telefônico e um teletipo de agência de notícias. “Requisitos que ainda



## Jornal-laboratório:

multiletramento e hipertextualidade

prevalecem mas os equipamentos foram substituídos pelo computador e pela internet.” (VIEIRA JUNIOR, 2002, p. 47).

Isso mostra que assim como qualquer redação, o laboratório para a produção do jornal escola deve dispor das necessidades mínimas para o desenvolvimento da aprendizagem dos acadêmicos e que essas condições devem estar de acordo com as precisões contextuais advindas, principalmente, das novas tecnologias.

Rocha (1998) apresentou um trabalho na *Intercom* em Recife e concluiu que a maioria das instituições desvaloriza a produção de Projetos Experimentais. Além de apontar os problemas, tais como a falta de fiscalização do Ministério da Educação (MEC) sobre as produções do jornal-laboratório, ela apresenta algumas soluções, entre elas, a fiscalização criteriosa e contínua das condições laboratoriais e recursos técnicos dos cursos de Jornalismo pelo MEC e a reciclagem permanente do corpo docente.

O papel do jornal-laboratório é colocar a teoria na prática, é oportunizar ao estudante o exercício do jornalismo e de seus princípios básicos. Vieira Júnior (2002, p. 76) chama a atenção, ainda, para o aprender contínuo e ininterrupto: “A função do jornal-laboratório é contribuir para que o futuro profissional ganhe uma visão universal - cosmopolita - dos acontecimentos e compreenda a importância do jornalismo na articulação de uma sociedade igualitária.” Para ele, o estudante deve conhecer a produção e difusão do jornal impresso antes de formado, pois é na escola que ele deve receber o treinamento essencial para o exercício profissional.

O conceito de jornal-laboratório não se limita ao espaço (sala de redação) que a universidade oferece ao aluno e aos professores que coordenam o projeto. O laboratório é importante para o aluno porque o ajuda a conhecer o jornal em vários sentidos, desde a pauta, checagem das fontes envolvidas no assunto, entrevistas, pesquisa no banco de dados, leitura complementar e a produção do texto. O aluno transporta para as páginas do jornal-laboratório a vivência teórica da sala de aula, que fica distante do praticar jornalismo. Incentivado pelo exercício, o aluno vai canalizar seu conhecimento e buscar formas de aplicar e desenvolver sua criatividade na construção de um texto jornalístico apurado e refinado. (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p. 77-78).

Esse exercício profissional, no entanto, é, antes de tudo, uma forma de letramento e de preparação para a formação de um multileitor, de um cidadão



digital. Ao propor uma pauta, o aluno deve ler e pesquisar sobre o tema que será tratado em seu texto, o que, ocorre, geralmente, com o auxílio da internet. Pode-se pesquisar sobre o assunto, assim como sobre possíveis fontes. Pode-se, ainda, utilizar algumas imagens de divulgação, ter ideias para fotografias, assim como entrevistar, com o auxílio da *web*. Hoje, as TICs são bases fundamentais para a produção jornalística e o jornal-laboratório é base fundamental para os multiletramentos do acadêmico de Jornalismo.

Em 2013, com base na Resolução nº 39, de 12 de setembro, a Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (CNE/CES) instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e deu outras providências, tais como a instituição do Estágio Supervisionado como atividade obrigatória. Entre as recomendações, pode-se observar como a resolução trata a prática laboratorial, afirmando que esta

tem por objetivo adquirir conhecimentos e desenvolver habilidades inerentes à profissão a partir da aplicação de informações e valores. Possui a função de integrar os demais eixos, alicerçado em projetos editoriais definidos e orientados a públicos reais, com publicação efetiva e periodicidade regular, tais como: jornal, revista e livro, jornal mural, radiojornal, telejornal, webjornal, agência de notícias, assessoria de imprensa, entre outros (BRASIL, 2013, p. 5).

Percebe-se, mais uma vez, portanto, que o jornal-laboratório acaba sendo não apenas uma forma de colocar a teoria na prática, como uma maneira de letramento e de contato com a realidade jornalística. Ter-se uma publicação efetiva e uma periodicidade regular são questões fundamentais para que o trabalho seja realizado com seriedade e responsabilidade.

#### **4 UM JORNAL-LABORATÓRIO DE CASCAVEL, PARANÁ**

Há mais de 10 anos o curso de Comunicação Social com ênfase em Jornalismo da Univel - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel - vem formando profissionais na área. O curso, reconhecido pela portaria nº 2073, de 09 de julho de 2004, DOU de 13 de julho de 2004, tem como objetivo principal, com base no site da faculdade, "formar profissionais com cultura ampla". Assim, a primeira edição do jornal-laboratório foi realizada em 2002,

## Jornal-laboratório:

multiletramento e hipertextualidade

mas em 2013, o jornal foi modificado, sendo alterado o formato, as temáticas e as editorias, assim como o projeto gráfico.

A segmentação do mercado jornalístico é mais que uma tendência, é uma necessidade. O público jovem acadêmico é um segmento que tem crescido a cada dia e no atual mercado há poucos produtos direcionados a ele. Faz-se necessário criar produtos que tenham como objetivo atrair o público jovem acadêmico ao universo da informação, mas com linguagem e formatos característicos deste segmento. Fazer com que o público interaja e se identifique com o que lê é o primeiro passo para promover mais reflexão, mas também, entretenimento.

Aproveitando este segmento e buscando direcionar ainda mais o jornal-laboratório para a realidade da universidade, o *Unifatos*, que é um produto midiático impresso desenvolvido na disciplina anual de Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa III, com os alunos do 3º ano do curso de Comunicação Social com ênfase em Jornalismo, da Univel e com carga horária de 150 horas em sala, tem como público alvo a comunidade acadêmica, ou seja, interna, e também a comunidade externa, a comunidade cascavelense e região, uma vez que a faculdade conta com alunos também de cidades vizinhas. Dos mil exemplares que são impressos mensalmente, metade circula na faculdade e a outra metade é encartada em jornais da cidade. O jornal é, ainda, postado em PDF (*Portable Document Format*) no site da faculdade.<sup>5</sup>

Vale lembrar, até, que o *Unifatos* conta com um *e-mail* – [unifatos@univel.br](mailto:unifatos@univel.br) - para que os leitores possam entrar em contato com a equipe do jornal, enviar sugestões de pauta e críticas. Tudo isso faz com que o impresso deixe de ser apenas um produto escolar e se aproxime de um jornal profissional, pois assim como Lopes (1989, p. 12) afirma, o “jornal-laboratório deixou de ser um mero exercício escolar, confinado às paredes da sala de aula ou realizado para atender à autoafirmação literária dos estudantes, e se converteu numa atividade pedagógica socialmente relevante.” Martins ainda fala sobre a profissionalização e o amadorismo no jornal-laboratório, o qual tem como base a experimentação:

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.univel.br/unifatos.php>>.

Nem profissional demais para repetir vícios da mídia impressa e nem amador demais para deixar de praticar jornalismo sério, esse veículo tem como bases de sobrevivência a experimentação e a inovação, atributos indispensáveis para a formação do egresso dos cursos de Jornalismo. O jornal-laboratório depende de um arcabouço teórico forte, que norteie as atividades práticas, as quais estimulam o estudante e o colocam mais próximo da realidade do mercado de trabalho. (MARTINS, 2012, p. 88).

O *Unifatos* tem como objetivo a prática do jornalismo e, portanto, praticar o direito à informação. É por isso que se busca oferecer a seus leitores textos mais leves, mas ao mesmo tempo, mais aprofundados, uma vez que não se faz um jornal diário, e sim, um jornal a cada mês, totalizando oito produções no ano. Dessa maneira, a “linguagem não é a mesma do jornal-empresa que se direciona mais ao real imediato, ou seja, ao fato acontecido em menos de 24 horas.” (VIEIRA JUNIOR, 2002, p. 74).

Busca-se inovar, ainda, na diagramação. Na capa, por exemplo, há sempre fotos ‘estouradas’, ou seja, que preenchem quase todo o espaço, o que desvincula o *Unifatos* da prática diária, que sempre apresenta muitas chamadas de capa.

O jornal-laboratório *Unifatos* é um impresso tabloide, de 29 cm x 38 cm, conta com 16 páginas, sendo oito páginas coloridas e oito preto e branco. Na segunda página sempre se apresenta textos de opinião, como artigos, editorial e crônica, além do expediente. Nas páginas 15 e 16 estão as editorias fixas *inDICA* e a coluna social, respectivamente. Nas outras páginas estão as editorias flutuantes e rotativas de páginas: perfil, educação, gastronomia, variedades, esporte, cartão postal, entre outras. É rotativo também o logotipo do *Unifatos* na capa. Essa rotatividade tem como objetivo mostrar que o impresso acompanha o processo de mudanças e inovações do mundo acadêmico e jovem, rompendo com a estagnação e a padronização dos jornais diários.

Toda a turma, com média de 25 alunos na disciplina de Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa III, ministrada pela professora Wânia Beloni, tanto em 2013 como em 2014, foi responsável por todas as produções. A turma é sempre dividida em duplas e cada dupla fica responsável por uma editoria, que é sorteada. Cada dupla faz uma pauta, um texto, fotos e a diagramação de sua página. Assim, se o estudante A faz a pauta e as fotos, o estudante B faz a matéria e a diagramação. O estudante A deve, ainda, ajudar na edição do texto que

## Jornal-laboratório:

### multiletramento e hipertextualidade

o estudante B fez e ajudá-lo com a diagramação. Na edição seguinte, as funções, então, se invertem. No entanto, pauta, texto e diagramação são conferidos e editados pela professora da disciplina, para que o estudante tenha acesso a uma correção mais minuciosa e para que também o aluno não seja exposto negativamente.

A equipe inicia o processo com o sorteio das editorias para cada dupla e na sequência é feita uma reunião inicial de pautas. Nas aulas seguintes são feitas: reunião de pauta, elaboração das pautas, correções das pautas e encaminhamento para a apuração. Depois que os alunos apuram e escrevem seus textos é feita uma correção de cada texto, que retorna para o aluno, para que seja feita uma correção, sempre que necessário. Após todos os textos corrigidos, os alunos realizam a diagramação e depois a revisão do 'boneco', ou seja, do jornal impresso em folhas tamanho A4, para que possa ser feita a última revisão antes de enviar à gráfica. Os acadêmicos participam arduamente de todas as etapas e acabam disputando pela chamada e foto de capa, o que acaba gerando um aumento de qualidade da produção de toda a equipe.<sup>6</sup>

62 |

Apesar de o processo ser bem mais lento do que em um jornal diário, é com o jornal-laboratório que os futuros jornalistas têm a oportunidade de refletir a prática jornalística. É com o jornal-laboratório, portanto, que os acadêmicos têm a chance de vivenciar a prática, de participar de todos os processos inerentes à formação de um bom jornalista: pauta, apuração, fotografia, produção de matérias, edição, diagramação e revisão.

O aprendizado com o jornal-laboratório pode ser considerado interativo, uma vez que o aluno deve realizar pesquisas pela busca da informação. Face a face, por meio do telefone ou, ainda, de forma virtual, o acadêmico realiza primeiro uma apuração sobre o tema, para a confecção da pauta e o desenvolvimento de um roteiro sobre o objetivo de sua reportagem.

Na sequência, quando parte para a apuração, para a pesquisa de informações mais concretas e para o cumprimento de entrevistas, ele pode, mais uma vez, realizá-las face a face, por meio do telefone ou pela internet. É sempre preferível que a entrevista seja realizada face a face, mas, dependendo da agenda

---

<sup>6</sup> Em 2013 tal empenho resultou, ainda, em premiação. O jornal-laboratório *Unifatos* foi premiado com o 2º lugar na *18ª Edição do Prêmio Sangue Novo no Jornalismo Paranaense* na categoria Jornal-Laboratório Impresso, realizado pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná (Sindijor-PR).

do entrevistado e das circunstâncias, podem ocorrer entrevistas de forma virtual, o que é muito comum na prática. No entanto, vale citar Oyama, que chama a atenção para a apuração face a face e para o local de entrevista, pois tais escolhas podem gerar informações para o entrevistador muito mais minuciosas. Oyama (2013, p. 15) aconselha, ainda, que antes da entrevista, deve-se mergulhar “na leitura da maior quantidade possível de material publicado sobre e pelo entrevistado”, o que, hoje, com o auxílio da internet, é muito mais prático.

Ao confeccionar de fato o texto escrito, mais uma vez o estudante se utiliza de uma ferramenta básica das TICs, um editor de textos do computador. Além disso, ele já terá coletado as imagens necessárias durante a entrevista, utilizando, novamente, um equipamento tecnológico, uma máquina fotográfica digital. A partir disso, mais uma vez, os estudantes utilizam um novo *software*, que no caso, será um de imagens, o *PhotoShop*,<sup>7</sup> para realizarem o tratamento de imagens e convertê-las de RGB (vermelho, verde e preto) para CMYK (que são quatro cores, no caso, tintas: ciano, magenta, amarelo e preto), pois enquanto a escala RGB é utilizada para arquivos e imagens digitais, a CMYK é a base de praticamente toda produção gráfica.

Depois de corrigidos os textos, fotografadas, coletadas e tratadas as imagens, os alunos se dedicam à diagramação e novamente outro *software* é necessário para isso. Com o *InDesign*<sup>8</sup> eles paginam as seções e colocam em prática novos conhecimentos tecnológicos, multimidiáticos, verbais e não verbais.

Assim como a Unesco (2003, p. 35), que reconhece a existência de múltiplas alfabetizações, quando defende que a alfabetização “passou a ser encarada não como um conceito único, mas sim plural: as alfabetizações”, pode-se perceber que para a realização de um jornal-laboratório é necessário o conhecimento e desenvolvimento de vários quesitos, ou seja, é fundamental que o aluno desenvolva multiletramentos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS


Com o objetivo de contribuir com o letramento do aluno de Jornalismo, os projetos laboratoriais são criados, como afirma Vieira Junior (2002, p. 50), pois “os projetos práticos, além de um incentivo ao aluno, são uma peça

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.adobe.com/br/>>.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.adobe.com/br/>>.

## **Jornal-laboratório:** multiletramento e hipertextualidade

importante no processo ensino-aprendizagem. [...] O prático torna o aprendizado mais efetivo e o contato com o aluno é individualizado.” (VIEIRA JUNIOR, 2002, p. 50).

Assim, percebe-se que o jornal-laboratório contempla a interdisciplinaridade, uma vez que coloca em prática o que o aluno aprendeu nos primeiros anos da faculdade, como produção e edição de textos, de imagens e planejamento gráfico. Além disso, é por meio desse produto laboratorial que acabam sendo atendidas diversas habilidades e competências específicas ao jornalista estabelecidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013, p. 4), como: compreender, dominar e gerir processos de produção jornalística, bem como ser capaz de aperfeiçoá-los pela inovação e pelo exercício do raciocínio crítico; dominar linguagens midiáticas e formatos discursivos, utilizados nos processos de produção jornalística nos diferentes meios e modalidades tecnológicas de comunicação; dominar o instrumental tecnológico – *hardware* e *software* – utilizado na produção jornalística; avaliar criticamente produtos e práticas jornalísticas; entre muitas outras competências pragmáticas, além das cognitivas e gerais. Por tudo isso, evidencia-se a relevância do jornal-laboratório nos cursos de Jornalismo, o qual foi instituído pela LDB e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, ainda em 1984, por meio da Resolução nº 2/1984, e que continua sendo obrigatório pelas Diretrizes Curriculares Nacionais de 2013. 

64 |

## **REFERÊNCIAS**

ALLIENDE, Felipe. G.; CONDEMARÍN, Mabel. G. **A leitura:** teoria, avaliação e desenvolvimento. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1 out. 2013 Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=14242&Itemid](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=14242&Itemid)>. Acesso em: 17 set. 2014.

\_\_\_\_\_. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Alfabetização como liberdade**. Brasília: Unesco; MEC, 2003.

CASTELA, Greice da Silva. O hipertexto visto de múltiplas perspectivas. **Revista Travessias**, Cascavel, v. 1, n. 1, p. 1-12, jul./nov. 2007. Disponível em: <[e-](#)

[revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/2804/2204](http://revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/2804/2204)>. Acesso em: 11 jan. 2014.

COLL, César; ILLERA, José Luis Rodríguez. Alfabetização, novas alfabetizações e alfabetização digital. As TIC no currículo escolar. In: COLL, César; MONEREO, Carles (Orgs.). **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as Tecnologias da Informação e da Comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DIAS, Samantha Gomes. **Outrolhar sobre o ensino de jornalismo**: uma análise da importância do jornal-laboratório para a formação profissional. 2011, 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2011.

DINES, Alberto. **O papel do jornal**: uma releitura. São Paulo: Summus, 1986.

GOMES, Pedro Gilberto. Artigo. In: MARQUES DE MELO, José (Org.). **Gêneros jornalísticos na Folha de S.Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2002.

LEMKE, Jay L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-18132010000200009>>. Acesso em: 4 out. 2013.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal laboratório**: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989.

MARTINS, Rafael Barbosa Fialho. O jornal-laboratório como exercício da prática e teoria na formação superior em Jornalismo. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 12, n. 1, p. 84-94, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/artigo8vol12-1.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

NUNES, Maria Fernanda Rezende; KRAMER, Sonia. Linguagem e alfabetização: dialogando com Paulo Freire e Mikhail Bakhtin. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 26-47, jan./jul. 2011. Disponível em: <[http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n11/linguagem\\_e\\_alfabetizacao.pdf](http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n11/linguagem_e_alfabetizacao.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2014.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PINHEIRO, Regina Cláudia. Estratégias de leitura para a compreensão de hipertextos. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernardete (Orgs.). **Interação na internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ROCHA, Samantha Viana Castelo Branco. Os desafios dos projetos experimentais em Jornalismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 21., Recife, 1998. **Anais eletrônicos...** Recife: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 1998. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/c66e7ed429dbfe73a9e2a5c0c7c40229.PDF>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola editorial, 2012.



## **Jornal-laboratório:** multiletramento e hipertextualidade

SAITO, Fabiano Santos; SOUZA, Patrícia Nora de. (Multi)letramento(s) digital(is): por uma revisão de literatura crítica. **Linguagens e Diálogos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 109-143, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://linguagensdialogos.com.br/2011.1/textos/19-art-fabiano-patricia.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2014.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782004000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100002)>. Acesso em: 12 abr. 2014.

\_\_\_\_\_. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

VIEIRA JUNIOR, Antônio. **Uma pedagogia para o jornal-laboratório**. 2002, 280 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.